



Economia Real

Luís Todo Bom

REINDUSTRIALIZAR E EXPORTAR

eu sempre com atenção os relatórios do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre a economia portuguesa, mesmo quando não concordo com as suas conclusões e propostas de ação. Porque são rigorosos e pormenorizados e elaborados por quadros técnicos experientes, competentes, com uma sólida formação teórica e que dispõem de uma invejável base de dados de análise comparada.

No seu último relatório, o FMI manifestou preocupação pelo eventual abrandamento das exportações líquidas, excluindo operações de *processing* ou equivalentes, ou ainda de subcontratação, com menor valor acrescentado, facto que, conjugado com um aumento de importações, conduzirá o país, de novo, para um ciclo de défices da balança comercial e agravamento da sua dívida externa.

Esta análise é suportada no reduzido crescimento da competitividade dos nossos bens transacionáveis, no mercado global.

Sem reindustrialização, receio que o FMI venha, uma vez mais, a ter razão

Partilho desta preocupação que, aliás, tenho manifestado em várias intervenções públicas e em que sou acompanhado por economistas, engenheiros, gestores e empresários, com sensibilidade industrial.

Por esta razão, temos insistido na necessidade de o país se envolver, com urgência e determinação, num processo de reindustrialização que reforce a robustez e a diversificação do seu parque produtivo.

Este processo deve integrar as novas tecnologias disponíveis, horizontais (tecnologias de informação e comunicação) e verticais, concentrando-se nos *clusters* mais desenvolvidos, promovendo a inovação, radical e incremental, dos nossos processos produtivos e produtos exportáveis, aumentando, desta vez, de modo persistente e estruturado, a nossa competitividade externa.

O "milagre" do elevado crescimento recente de Espanha e o arranque para o crescimento da França residem, em minha opinião, na robustez dos seus aparelhos produtivos, que começam a dar frutos significativos nos mercados externos, onde estão a conquistar quota de mercado.

Sem um processo intensivo de reindustrialização do nosso país, receio que, infelizmente, o FMI venha, uma vez mais, a ter razão.

Professor do ISCTE